



Silas Abner dos Reis Lopes*

RESUMO

Este artigo procura abordar uma das doutrinas mais difíceis de entender em toda a Escritura Sagrada, porém, revelada implicitamente no Antigo Testamento e, explicitamente, no Novo. A doutrina da Santíssima Trindade é um dos pilares da fé cristã e, ao mesmo tempo, um mistério revelado nas Sagradas Escrituras. Embora sendo um único Deus, subsiste em três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, dotadas de intelecto, vontade e emoção, mas a deidade das três Pessoas compõem uma unidade orgânica e indivisível, coeternas e coiguais em glória e majestade. Esta doutrina bíblica não é uma construção teórica humana concebida pela razão finita, mas revelada em todas as Escrituras, primeiramente bastante embrionária no Antigo Testamento, mas posteriormente desenvolvida nas páginas Neotestamentária por uma mente brilhante e infinita. Na Divindade existe uma unidade de essência mas, concomitantemente, uma pluralidade de pessoas, coexistindo desde a eternidade, participando da obra da redenção da humanidade em uma unidade orgânica, plural, composta e conjuntural, porém, indivisível.

Palavras-chave: Trindade. Essência. Indivisível. Personalidade. Unidade. Pluralidade.

The doctrine of the Holy Trinity in the light of the Bible as organic and indivisible unity

ABSTRACT

This article seeks to address one of the most difficult doctrines to understand in all of Holy Scripture, yet revealed implicitly in the Old Testament and explicitly in the New. The doctrine of the Holy Trinity is one of the pillars of the Christian faith and, at the same time, a mystery revealed in Sacred Scripture. Although being one God subsists in three Persons, Father, Son and Holy Spirit, both endowed with intellect, will and emotion, yet the deity of the three Persons compose an organic and indivisible unity, coeternal in glory and majesty. This biblical doctrine is not a human theoretical construct conceived by finite reason, but revealed throughout the Scriptures, first quite embryonic in the Old Testament but later developed in the pages of the New Testament by a brilliant and infinite mind. In the Divinity there is a unity of essence but, at the same time, a plurality of persons, coexisting from eternity, participating in the work of the redemption of humanity in an organic, plural, composite and conjunctural unity, however, indivisible.

Keywords: Trinity. Essence. Indivisible. Personality. Unity. Plurality.

Introdução

A doutrina da Trindade¹ é uma das doutrinas fundamentais da fé Cristã, pois trata da revelação do Deus único e verdadeiro contido nas Escrituras. Falar acerca da Trindade Divina é perceber que estamos mencionando um dos grandes mistérios da fé cristã. A rejeição desta doutrina lança por terra um dos alicerces do cristianismo, fazendo com que a revelação da Escritura seja rejeitada e a doutrina de Deus, bem como seus propósitos e obras, não possam mais ser compreendidos tal como revelado nas Sagradas Escrituras.

Do Antigo ao Novo Testamento, a doutrina da Santíssima Trindade é revelada em uma unidade composta e orgânica, definida no Credo Atanasiano² citado por Ferreira (2004, p. 11): “Adoramos um Deus em trindade e trindade em unidade. Não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância”.

O objetivo geral desta pesquisa é mostrar a crença em um só Deus, subsistindo em três pessoas distintas. Quanto aos objetivos específicos, estes se dividem em três: definir o conceito de Trindade; descrever a doutrina da Trindade no Antigo e no Novo Testamentos; fazer a apologia da doutrina da Trindade.

Quanto a abordagem metodológica, a pesquisa será bibliográfica, assente em autores renomados que, ao longo dos séculos, vêm estudando a doutrina da Santíssima Trindade à luz da Bíblia Sagrada.

A trindade é composta de três Pessoas unidas, sem existência separada, e indivisivelmente ligadas para formar um Deus, ou seja, não se trata de um Ser que possui, unicamente, um núcleo de intelecto, de vontade e de emoção. Por isso a Trindade divina, denominada também de Triunidade, é una e indivisível. Ou seja, não há confusão nesta economia pessoal e divina, nem fragmentação da substância ou essência.

Gill, citado por Wiley *et. al.* (1990, p. 131), diz:

¹ O termo “trindade” foi usado para Deus desde os tempos de Tertuliano de Cartago, o grande teólogo latino (150-220 d. C.), em seu tratado “Contra Práxeas”, na última década do II século da Era Cristã. Ele, inclusive, foi o primeiro a fazer uso das palavras “pessoas” e “substância” para tentar definir a pluralidade de nosso Deus.

² A origem do Credo de Atanásio é incerta, possivelmente do século VII depois de Cristo, embora a versão final seja do século VIII. Ele foi escrito contra os arianos. Na sua doutrina concernente à Trindade e à encarnação é mais detalhado que os outros Credos.

Não há senão uma só essência divina, embora haja modos diferentes de subsistência nela, chamadas pessoas, e cada uma possui a essência divina, completa e indivisível. Esta unidade não é unidade de partes que formam um composto, como acontece no caso da alma e do corpo no homem, pois Deus é Espírito simples.

A doutrina da Trindade significa a união de três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em uma só Divindade. A palavra Trindade vem do latim *trinitas*, que significa estado de ser três. As três pessoas são distintas, mas co-eternas, co-iguais e consubstancias (iguais em substância), em uma só e individual natureza, mas distintas em subsistências. Cada uma destas pessoas é Deus e, no entanto, só há um Deus.

A doutrina da Trindade é, talvez, a doutrina mais misteriosa e difícil que encontramos nas Escrituras, pois mostra a finitude da razão humana para entender a estrutura de Deus na totalidade. Isaías declarou: “Verdadeiramente tu és o Deus que te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador.”³ (Isaías 45:15); o Profeta ainda acrescenta: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor.” (Isaías 55:8). Deus Se oculta e Se revelaria mais plenamente na consecução do plano de salvação mediante Cristo, perfeita revelação do Deus de amor (Hebreus.1:1-3; Jo.1:18), como veremos mais adiante. Esta doutrina é de difícil compreensão uma vez que não há escritos específicos na Bíblia que tratam diretamente sobre a Trindade. No entanto, as Escrituras revelam claramente as características e os atributos de Deus revelados nas três pessoas da trindade santa, o que nos conduz à formação e à confirmação da existência desta doutrina.

O mistério real da Trindade consiste no fato de que as três pessoas são uma em seu ser essencial e que a essência divina não está dividida entre as três pessoas, mas permanece inteira, com todas as suas perfeições ou atributos em cada uma delas. Além disso, em seu ser essencial as três pessoas não estão subordinadas uma à outra, ou seja, o Pai não é o Filho, o Filho não é o Espírito Santo, e vice-versa, ao contrário do que ensinava a heresia conhecida como “patripassionismo”⁴ combatida

³ Todos os Versículos usados neste artigo são extraídos da Versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida, Edição da Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 1996.

⁴ A Enciclopédia histórico e teológica nos informa que “patripassionismo é a doutrina segundo a qual o Pai se encarnou, sendo Ele quem nasceu de uma virgem e quem sofreu e morreu na cruz”.

por Tertuliano. Pode-se dizer, no entanto, que na ordem de atuação o Pai é o primeiro, o Filho o segundo e o Espírito Santo o terceiro, e essa ordem se reflete também na obra da criação e da redenção, a saber, na economia da Trindade. Mas, apesar da igualdade essencial dos três membros da Divindade, reconhecemos que tal subordinação é apenas funcional. Ainda que o Filho execute a vontade do Pai, e o Espírito seja enviado pelo Pai e pelo Filho, as três pessoas são iguais em essência. Tal submissão dentro da Divindade apenas se dá por consenso mútuo.

A subordinação da pessoa do Filho à pessoa do Pai é uma ordem de personalidade, ofício e operação que permite ao Pai ser oficialmente primeiro; o Filho, segundo; e o Espírito Santo, terceiro; mas tudo em perfeita coerência com a igualdade entre os três.

Segundo Berkhof (1949, p. 80): “A única subordinação de que podemos falar é uma subordinação quanto à ordem e ao relacionamento”. Prioridade não é necessariamente superioridade. Esta é uma relação interna que não nega a divindade de nenhuma das pessoas da Trindade. É simplesmente uma área que nossas mentes finitas não conseguem compreender, em vista do Deus infinito. A possibilidade de uma ordem que, contudo, não implica desigualdade, pode ser ilustrada entre marido e mulher. Quanto a seu ofício, o homem está em primeiro lugar e a mulher em segundo; não obstante, a alma da mulher tem o mesmo valor da do homem (I Cor.11:3).

As doutrinas bíblicas são reveladas e não concebidas pela razão humana como registra o Apóstolo Paulo (I Tm.3:16), ao destacar que a fé precede a doutrina (I Tm. 4:6).

Agostinho, citado por Ferreira (2014, p. 3), diz:

A fé busca, o entendimento encontra; por isso diz o profeta: Se não crerdes, não encontrareis (Is.7:9). Doutro lado, o entendimento prossegue buscando aquele que a fé encontrou, pois Deus olha do céu para os filhos dos homens, como é cantado no salmo sagrado: para ver se alguém que tenha inteligência e busque a Deus (Sl.14:2). Logo, é para isto que o homem deve ser inteligente: para buscar a Deus.

Portanto, Deus é um ser mas existe em três pessoas chamadas de Pai, Filho e Espírito Santo. As três pessoas juntas são o único Ser supremo. Pode parecer um paradoxo, mas Deus é três e um, simultaneamente.

A Trindade como uma Unidade Orgânica

As Escrituras afirmam que Deus é Um, e que além dele não existe outro igual ou semelhante (Dt. 4:35; Is. 43:10; 44:6; 45:5,21). Contudo, a unidade divina é também uma unidade composta de três pessoas (personalidades) distintas e divinas, que são: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A unidade divina não significa um Deus unipessoal, nem a unidade de uma essência abstrata, nem muito menos a unicidade do Pai, mas a unidade do Pai, Filho e Espírito Santo. A doutrina da Santíssima Trindade postula a unidade de Deus.

Tertuliano, em seu tratado *Contra Praxéias* citado por Oliveira (2012, p. 1), diz:

Sempre tenhais em mente que esta é a regra de fé que eu professo; por isto testemunho que o Pai, o Filho e o Espírito são inseparáveis um do outro, e assim sabereis em que sentido isto é dito. Agora, observeis: minha afirmação é que o Pai é um, o Filho um e o Espírito um, e que Eles são distintos de um ao outro.

Mas como compreender as implicações que envolvem a Trindade Divina? Como entender a unidade orgânica da Trindade sem, contudo, fragmentá-la? Na verdade, não se trata de três deuses independentes, mas sim três pessoas (personalidades) compreendidas em um só Deus. Os três cooperam unidos e num mesmo propósito, de maneira que, no pleno sentido da palavra, compreendem *Um*. O Pai cria, o Filho redime e o Espírito santifica e, no entanto, em cada uma dessas operações os três estão presentes de forma plena e absoluta.

A Doutrina da Trindade não é uma forma de Triteísmo, ou seja, não é uma crença em três Deuses. Em Deus existe unidade e multiplicidade. O nome “Deus” é uma polissemia (nome com mais de um significado ou sentido sem que, necessariamente, os mesmos sejam opostos ou excludentes) na Bíblia. A Bíblia diz textualmente que cada uma destas pessoas é Deus (em grego Θεός, Theós): o Pai (Jo.17:3; I Cor.8:6; Ef.4:6), o Filho (Is.9:6; Jo.1:1; 8:58; I Jo.5:20; Rm.9:5; Hb.1:8) e o Espírito Santo (II Sam.23:2-3; At.5:3-4). Muitas vezes, refere-se à Trindade (Mc.12:29,32). Contudo, há uma conjunção entre as três pessoas da Santíssima Trindade.

O mesmo ocorre com o Tetragrama, YHWH⁵ – “Jeová, Javé ou Senhor” em nossas versões. Aplica-se ao Pai (Sl.110:1; Is.63:16; 64:8), ao Filho (Is.40:3 cf. Mt.3:3; Jl.2:32 cf. Rm.10:13; Zc.14:5 cf. Mt.25:31) e ao Espírito Santo (Êx.34:33,34 cf. II Cor.3:16,17; Jz.15:14 cf. 16:20). Aplica-se também à Trindade (Dt.4:35,39: 6:4). Assim, a mesma Bíblia que ensina que só existe um Deus e que Ele é um só, ensina também que cada uma dessas Pessoas é Deus absoluto em toda a Sua plenitude.

É de realçar que o vocabulário não se encontra na Bíblia. A palavra “trindade” é um termo extrabíblico utilizado para designar aquilo que é revelado nas Escrituras; embora a palavra não apareça, a ideia está explícita na Bíblia. Nem usamos linguagem bíblica quando definimos uma doutrina. O que interessa são os fatos. As palavras técnicas que definem os termos teológicos são secundárias. Mas o conceito que ela expressa é Escriturístico. Portanto, o termo “Trindade”, embora não seja uma palavra encontrada nas Escrituras, por ser um termo teológico posterior ao tempo bíblico (Séc. II da Era Cristã), se acha exposto na Bíblia, sendo, portanto, uma sistematização do ensino das Escrituras.

A base bíblica para identificarmos e comprovarmos a existência desta doutrina encontra-se tanto no Novo Testamento quanto no Antigo, sendo que no Novo a revelação encontra-se com maior clareza que no Antigo. De qualquer maneira, a Escritura testifica a existência do Deus trino.

Partindo do pressuposto de que a revelação de Deus é progressiva, ou seja, começa no Antigo e encontra seu ápice no Novo Testamento, na pessoa de Cristo, não iremos encontrar clareza no Antigo Testamento sobre a doutrina da trindade.

Na verdade, a doutrina da Trindade é, simplesmente, uma doutrina revelada. Isto é, incorpora uma verdade que nunca foi descoberta pelo raciocínio humano e que não pode ser descoberta desta forma. Visto que a doutrina da Trindade não pode ser descoberta pelo raciocínio, também não pode ser provada por meio da razão.

Berkhof (1949, p. 77) afirma o seguinte:

⁵ Segundo o livro de Teologia Sistemática Pentecostal “YHWH, tetragrama hebraico grafado geralmente como Yahveh ou Yahweh, é o nome pessoal do Deus de Israel, que em nossas versões aparece como Jeová, Javé ou Senhor. As quatro consoantes hebraicas do nome divino se tornaram impronunciáveis pelos judeus desde o período interbíblico. Isso para evitar a vulgarização do nome: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Ex 20.7), pois é assim que eles interpretam o terceiro mandamento do Decálogo” (GILBERTO, 2008, p. 83).

A doutrina da Trindade depende decisivamente da revelação. É verdade que a razão humana pode sugerir algumas ideias para consubstanciar a doutrina, e que os homens, fundados em bases puramente filosóficas, por vezes abandonaram a ideia de uma unidade nua e crua em Deus, e apresentaram a ideia do movimento vivo e de auto-distinção. Também é verdade que a experiência cristã parece exigir algo parecido com esta construção da doutrina de Deus. Ao mesmo tempo, é uma doutrina que não teríamos conhecido, nem teríamos sido capazes de sustentar com algum grau de confiança, somente com base na experiência, e que foi trazida ao nosso conhecimento unicamente pela auto-revelação especial de Deus.

Portanto, a Trindade é claramente uma doutrina revelada, e não uma doutrina concebida pela razão humana. Só podemos aprender acerca da Natureza íntima de Deus pela sua revelação: “Porque quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo” (I Cor. 2:16).

Temos grande dificuldade em aceitar a verdade da Trindade. Para nós, se há apenas um ser, só pode haver uma pessoa. Isto é porque somos humano, e é assim que nós fomos feitos. Cada um de nós é um ser e também uma pessoa. Com Deus não é assim. Ele é realmente um ser, mas a Bíblia revela que Ele é três pessoas.

A doutrina da Trindade, apesar de ter sido reconhecida depois de instituída a Igreja de Cristo, na verdade sempre esteve presente em toda a Revelação de Deus através das Escrituras. A concepção desta grande maravilha de Deus não foi de fácil compreensão para os cristãos primitivos do primeiro século, visto que em sua maioria estavam vindo da realidade de uma visão monoteísta. Era desta forma que os judeus criam. Contudo, com a vinda de Cristo, a descida do Espírito Santo e a revelação de Deus aos escritores do Novo Testamento, a Igreja passou por um processo de compreensão dos valores da Trindade divina.

O Velho Testamento não contém a plena revelação da existência trinitária de Deus, mas traz várias indicações dela. Esta revelação possui maior clareza na medida em que a obra redentora de Deus é revelada mais claramente, como na encarnação do Filho e no derramamento do Espírito. A Bíblia apresenta a revelação progressiva dada por Deus ao homem no decorrer da história.

Berkhof (1949, p. 77), em sua obra de *Teologia sistemática*, diz:

O Velho Testamento não contém plena revelação da existência trinitária de Deus, mas contém várias indicações dela. É exactamente isto que se poderia esperar. A Bíblia nunca trata da doutrina da Trindade como uma verdade abstracta, mas revela a subsistência trinitária, em suas várias relações, como uma realidade viva, em certa medida em conexão com as obras da criação e

da providência, mas particularmente em relação à obra de redenção. Sua revelação mais fundamental é revelação dada com fatos, antes que com palavras. E esta revelação vai tendo maior clareza, na medida em que a obra redentora de Deus é revelada mais claramente, como na encarnação do Filho e no derramamento do Espírito. E quanto mais a gloriosa realidade da Trindade é exposta nos fatos da história, mais claras vão sendo as afirmações da doutrina. Deve-se a mais completa revelação da Trindade no Novo Testamento ao facto de que o Verbo se fez carne, e que o Espírito Santo fez da igreja Sua habitação.

Observamos que no Antigo Testamento não é ensinado clara e diretamente as verdades da Trindade, e a razão disto é evidente. Era comum entre os povos da época o culto a vários deuses. Daí a necessidade de se acentuar em Israel a verdade de que Deus é Um, e de que não havia outro além Dele. Apesar da doutrina não ser explicitamente mencionada, sua origem pode ser vista no Antigo Testamento.

A doutrina da Trindade aparece no Antigo Testamento, mas apenas em forma embrionária. A Trindade é uma doutrina que se encontra de forma implícita no Antigo Testamento e de forma explícita no Novo Testamento (como veremos mais adiante). Portanto, o Antigo Testamento contém uma clara antecipação da revelação da Trindade, que no Novo Testamento aparece plenamente desenvolvida.

O Antigo Testamento, implícita e indiretamente, nos revela na sua língua original em que foi escrita que, na verdade, há uma unidade orgânica expressa na Santíssima Trindade Divina. Um estudo minucioso da palavra hebraica *echad*, usada para descrever a unidade de Deus no Antigo Testamento, aprofundará nossa compreensão quanto à unidade de Deus. A oração familiar e cotidiana dos judeus, extraída de Deuteronómio 6:4, enfatiza a suprema grandeza da unidade divina: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”. A palavra *único* descreve uma unidade composta ou complexa, como uma unidade planejada por Deus para o casamento: “deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn. 2:24). Ainda é usada também para dizer que na torre de Babel, o povo era “um”: “...eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua...” (Gn.11:6).

Sobre este assunto, Rosenthal (2013, p. 19) afirma:

A última palavra hebraica da Shema ‘Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é único’ (Dt.6:4) é *echad*, que, embora traduzido por ‘único’, é um substantivo colectivo, em outras palavras, um substantivo que, embora, denote unidade, a classifica, pois, representa uma unidade que contém várias unidades.

Poderíamos citar um bom número de exemplos. Em Números 13:23 lemos que os espias pararam em Escol onde ‘cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas’. A palavra hebraica que aqui aparece como ‘um’, em ‘um cacho’, novamente é *echad*; porque, como é evidente, esse único cacho de uvas consistia em muitas uvas.

É conclusivo que as uvas eram consideradas no sentido de serem da mesma origem, o que prova tratar-se de uma unidade composta. Portanto, a palavra *echad* seria uma alusão ao Deus único, mas que contém em si a diversidade de pessoas.

Embora o hebraico possua uma palavra oposta a *echad*, que é *yachid*, que significa “somente um” ou “o único”, ou seja, em sentido absoluto ou solitário, esta jamais é usada para descrever Deus ou é utilizada em relação a Deus, pois expressa uma unidade absoluta, aquela que não permite pluralidade. Se esta unidade fosse absoluta, a palavra correta aqui seria *yachid*, a mesma usada em Gênesis 22.2: “Toma, agora, o teu filho, o teu único filho, Isaque”. A palavra *echad* indica que na unidade Divina há uma pluralidade, ou seja, expressa uma unidade plural.

Isaías profetizou, 700 anos antes de o Verbo habitar entre nós, que um menino seria chamado Deus forte: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz” (Is.9:6). Esta profecia é confirmada no Novo Testamento, como veremos mais adiante, em Mateus 1:23. Isaías olhou através das lentes da visão profética e viu alguém com emblemas de autoridade sobre os ombros e detentor de toda a Divindade. Após lermos este versículo, qualquer dúvida da divindade de Cristo é anulada, pois o texto diz claramente que Ele é Deus. Esta afirmação maravilhosa e surpreendentemente aponta para a divindade de Cristo em harmonia perfeita com o Pai.

O Novo Testamento traz consigo uma revelação mais clara das distinções da Divindade. É perfeitamente natural que as provas neotestamentárias sejam ainda mais claras que as do Velho Testamento, uma vez que o Novo registra a encarnação do Filho de Deus e o derramamento do Espírito Santo, que lançam luz sobre as evidências encontradas no Antigo Testamento. No Novo Testamento a Trindade é perfeitamente identificada. Não é um texto, aqui ou ali, que testifica a doutrina da Trindade: todo o Novo Testamento é Trinitariano; todo o seu ensino se ergue na suposição da Trindade e as suas alusões à Trindade são frequentes, despreocupadas, fáceis e confiantes.

Berkhof (1949, p. 78) escreve sobre o assunto supracitado:

O Novo Testamento traz consigo uma revelação mais clara das distinções da Divindade. Se no Velho Testamento Jeová é apresentado como o Redentor e Salvador do Seu povo, no Novo Testamento o Filho de Deus distingue-se nessa capacidade. E se no Velho Testamento é Jeová que habita em Israel e nos corações dos que O temem, no Novo Testamento é o Espírito Santo que habita na igreja. O Novo Testamento oferece clara revelação de Deus enviando Seu filho ao mundo, e do pai e Filho enviando o Espírito. Vemos o pai dirigindo-se ao Filho, Mc.1:11; Lc.3:22, o Filho comunicando-se com o Pai, Mt.11:25,26; 26:39; Jo.11:41; 12:27,28, e o Espírito Santo orando a Deus nos corações dos crentes, Rm.8:26. Assim, as pessoas da Trindade, separadas, são expostas com clareza às nossas mentes. No batismo do Filho, o pai fala, ouvindo-se do céu a Sua voz, e o Espírito Santo desce na forma de pomba, Mt.3:16,17. Na grande comissão Jesus menciona as três pessoas: 'baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo', Mt.28:19.

No batismo do Senhor Jesus são manifestos a João e às testemunhas ali presentes as três pessoas em um evento sobrenatural. Mateus nos informa que, após o batismo, Jesus saiu das águas do Jordão, o Espírito Santo veio sobre Ele em forma de pomba, enquanto o Pai bradava do céu: "Este é o meu filho amado em quem me comprazo" (Mt.3:16-17). Não existe distância entre as pessoas da Divindade triúna. Todas elas são divinas, e assim compartilham seus poderes e qualidades divinas. Na economia da Divindade, a autoridade final recai sobre os três membros. Embora a Divindade não seja apenas uma Pessoa, Deus é um em propósito, mente e caráter.

Cheung (2003, p. 52) afirmou na sua obra teológica:

Deus é uma TRINDADE, e todos os atributos divinos aplicam-se a cada membro da Divindade. Ainda que haja somente um Deus, ele subsiste em três pessoas, cada uma delas plenamente participante na única essência divina. Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito cumpriram seus papéis singulares no batismo de Cristo.

A existência das três pessoas fica demonstrada inequivocamente. A unidade de Deus não exclui a possibilidade de nela haver personalidades compostas. Há três personalidades distintas, cada uma inteiramente divina, mas elas se encontram tão harmonicamente inter-relacionadas que resultam numa única essência.

Berkhof (1949, p. 79-80) nos deixa o seguinte relato:

Toda a indivisa essência de Deus pertence igualmente a cada uma das três pessoas. Quer dizer que a essência não é dividida entre as três pessoas, mas

está com a totalidade absoluta da sua perfeição em cada uma das pessoas, de modo que têm unidade numérica de essência. A natureza divina distingue-se da natureza humana em que pode subsistir total e indivisivelmente em mais de uma pessoa. Enquanto que três pessoas humanas têm apenas unidade de natureza ou essência, isto é, participam da mesma espécie de natureza ou essência, as pessoas da Divindade têm unidade numérica de essência, isto é, possuem a mesma essência, essência idêntica.

Na revelação neotestamentária, Deus aparece claramente existindo em três pessoas. A fórmula batismal que diz: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt.28:19) e a bênção Apostólica que afirma: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo, seja com vós todos! Amém” (II Cor.13:13) são exemplos de como o conceito trinitário de Deus estava arraigado nos apóstolos e cristãos do primeiro século. Na fórmula batismal, Cristo ordena que se batize em nome (gr. ὄνομα, “onoma”, no singular) das três pessoas da Santíssima trindade e não nos nomes (gr. ὀνόματα, “onómata” – Mt.10:2; Lc.10:20; Fl.4:3; At.18:15 gr. ὀνόματων, “onómaton” – todos no plural). A palavra “nome” é utilizada no singular, enquanto o texto menciona três pessoas, ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Se não existisse uma unidade composta em Deus e se a Sua essência fosse separada, o batismo seria (nos nomes) do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o que denota uma prova inequívoca da verdade da doutrina da Trindade.

As três pessoas da trindade aparecem na bênção apostólica. Nesta fórmula trinitária, o Filho aparece, em primeiro lugar, com sua graça ou benignidade imerecida; depois, o Pai, com seu amor; e finalmente, o Espírito Santo, com a comunhão ou participação que dele procede. Deste modo, fica claro que as Escrituras testemunham a existência de um único Deus verdadeiro que é revelado não em uma única pessoa, mas sim nas três pessoas distintas de forma orgânica, em uma igualdade compartilhada que é destinada a reconstruir esta bendita convivência.

Warfield (2016, p. 16) registrou o seguinte:

Entretanto, a maior aproximação a uma declaração formal da doutrina da Trindade, registrada como tendo saído dos lábios do nosso Senhor, ou, para dizer melhor, que se encontra em todo o conjunto do Novo Testamento, foi nos conservada, não por João, mas por um dos sinópticos. E, contudo, também, introduzida apenas incidentalmente, e tem por objectivo primordial algo muito diferente da formulação da doutrina da Trindade. É incorporada na grande comissão, que o Cristo Ressurrecto deu aos Seus discípulos, como ‘ordem de marcha’, ‘até aos confins da terra’: ‘Ide, pois, fazei discípulos de

todas as nações, batizando-os, em nome do Pai, e do Filho, do Espírito Santo' Mateus 28:19".

Nas últimas instruções, o Senhor comissiona os onze apóstolos a fazer discípulos batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Importante destacar que o batismo não é nos nomes (plural) mas no nome (singular) do Pai, Filho e Espírito, demonstrando a unidade e deidade das três pessoas da trindade Santa. Sobre isso, Wiley (1990, p. 136) diz: "A fórmula batismal...em que se une o nome do Filho com o do Pai e do Espírito Santo num plano de igualdade é testemunho ulterior da Sua divindade".

A fórmula batismal nos escancara a Trindade ao mencionar o Pai, o Filho e o Espírito num mesmo evento, somando-se a isso o fato de as três pessoas estarem unidas num único nome, em uma personalidade composta, demonstrando uma unidade integral.

Nos relatos da natividade de Jesus apareceu um anjo do Senhor dizendo: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus Connosco" (Mt.1:23). Encontramos na Bíblia três vezes a palavra Emanuel (Is.7:14; 8:8; Mt.1:23). Aqui, neste verso, o Filho é reconhecido como Deus, o que demonstra uma igualdade entre Jesus e o Pai. Na resposta de Jesus ao pedido de Filipe, Ele disse: "Estou há tanto tempo convosco e não tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai: E como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim?" (Jo. 14:9-10). Mateus interpreta o nome Emanuel corretamente como sendo "Deus connosco", nome descritivo que reuniu todas as qualidades de Deus em uma só pessoa e em um só Nome.

A profecia referente à narrativa do nascimento de Cristo, conforme designada e interpretada por Mateus, um meticuloso contabilista e coletor de impostos, diz que Cristo é Deus.

O Credo Niceno citado por Wiley (1990, p. 38) afirma:

Creio em um Senhor Jesus Cristo, o unigénito Filho de Deus, nascido do Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus, Luz de Luz, o verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não feito; sendo de uma mesma substância com o Pai; por que todas as coisas foram feitas.

Este texto ensina claramente a unidade essencial e a igualdade de Jesus Cristo com o Pai e, portanto, que o Senhor Jesus é, de fato, Deus.

Conforme indica o prólogo de João, o Verbo é eternamente preexistente, uma declaração da coexistência do Filho com o Pai: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo.1:1). O vocábulo Verbo é traduzido por “Palavra” nas versões modernas, como a NVI⁶, BLH⁷ e BJ⁸. O vocábulo original para Verbo é “Logos”. O termo indica que o *Logos* é uma Pessoa divina, que estava no princípio da Criação. A expressão de João que o Verbo era Deus, por sua vez, indica a divindade do Verbo, e o verso 14 indica a sua humanidade, quando afirma que ele habitou entre nós: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai cheio de graça e de verdade”. O uso do termo “Verbo” (no grego, *Logos*) é significativo, visto que Jesus Cristo é a principal expressão da vontade divina.

Antes de revelar-se à humanidade desta nova maneira, o Verbo esteve eternamente em existência como aquele que revela a Deus. A deidade de Cristo inclui sua coexistência no tempo e na eternidade, com o Pai e o Espírito Santo. Este verso expressa uma unidade relacional íntima entre o Pai e o Filho. Para além de evidenciar uma união moral, esta se baseia na suposição da verdade de uma união de naturezas.

Jesus, interpelado pelos judeus em certa ocasião, declara-se o Messias, Filho de Deus no Seu testemunho pessoal: “Eu e o Pai somos UM” (Jo.10:30). Ao entenderem muito bem essa declaração inequívoca de divindade, em termos que sugerem a Trindade Santa, os judeus tentaram apedrejar Jesus (v. 31): “Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia; porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (v. 33). Então os judeus concluíram que Jesus havia blasfemado o nome do Senhor, pois embora fosse apenas um homem (como supunham), ele se fazia igual a Deus. Jesus aceitou essa interpretação ao dizer: “Àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas: porque disse: Sou Filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. Mas, se as faço, e não credes em mim, crede nas obras; para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu nele” (vs.36-38). O Senhor Jesus declarou que possui os

⁶ NVI – Nova Versão Internacional.

⁷ BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje.

⁸ BJ – Bíblia de Jerusalém.

mesmos atributos do Pai: onisciência, onipresença, onipotência, imutabilidade, eternidade. Portanto, Jesus declarou ser igual a Javé, semelhante a Javé. Tão iguais e semelhantes que formam uma unidade no ser ou em essência.

No mesmo capítulo, Jesus declara: “o Pai está em mim e eu nele” (Jo.10:38), de tal forma que vê-Lo era o mesmo que ver o Pai (Jo.14:9). Aqui podemos constatar uma unidade de interpenetração. Mas Ele remove qualquer dúvida quanto à natureza essencial da Sua unidade com o Pai, afirmando, explicitamente, a Sua eternidade: “Antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo.8:58), a Sua co-eternidade com Deus: “antes que o mundo existisse” (Jo 17:5), a Sua eterna participação na própria glória divina: “aquela glória que tinha Contigo” em comunhão.

A confissão de Tomé descreve Jesus como Senhor e Deus: “Tomé respondeu, e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu” (Jo.20:28). Depois da ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos. Tomé não estava presente no primeiro aparecimento e duvidou que Jesus tivesse realmente sido visto. Quando Jesus apareceu novamente, Tomé viu e fez a seguinte afirmação a Jesus: “Meu Senhor e meu Deus”. O Senhor Jesus não rejeitou a declaração de Tomé, inequívoca de Sua absoluta divindade. Ao contrário, ao dizer que o discípulo creu apenas porque viu a realidade diante de seus olhos, deu-lhe autenticidade. Tomé, apesar de ter duvidado por mais tempo que os outros apóstolos, finalmente veio a aceitar Cristo como Senhor e Deus. Ele convenceu-se da deidade de Jesus Cristo no encontro dramático, no cenáculo. Portanto, a exclamação de Tomé prova que Jesus é verdadeira e inteiramente Deus.

Na Epístola aos Filipenses, São Paulo apela o seguinte:

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fl.2:5-11).

Jesus subsistia em forma de Deus e ao encarnar se limitou à natureza humana, não querendo fazer uso de Suas prerrogativas divinas. Ao tornar-se um homem de carne e sangue, Jesus pôs de lado sua igualdade com Deus Pai (Fp.2:6). Ele se esvaziou da Sua glória divina para identificar-se totalmente com a raça humana,

despiu-se da glória que desfrutava com o Pai na eternidade passada (Fl.2:7). Não que Ele não possuísse os atributos de Deus. Aliás, Cristo não renuncia a ser Deus, simplesmente toma a forma humilhante de servo por ocasião da Encarnação. Os atributos de Deus ficam ocultos a maior parte do tempo por sua humanidade. Ele decidiu intencionalmente não usar estes atributos em Sua vida terrena, a não ser quando o Pai queria que Ele os usasse. Ele deixou de lado Sua glória e igualdade com o Pai. Depois, na Sua sublime ressurreição, foi simplesmente ocupar, de um modo maravilhoso, a dignidade que corresponde à Sua essência e direitos inerentes. Mas esta igualdade era Sua por direito, em unidade plena com a primeira Pessoa da santíssima Trindade.

O Apóstolo Paulo, na sua carta aos Colossenses, escreve: “Porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade” (Cl.2:9). Não há nenhuma verdade ou entendimento fora dele. A plenitude da divindade está em Cristo e não há nenhuma parte da natureza e do ser de Deus que não esteja expressa em Jesus. Ou seja, em Cristo habitam todos os elementos essenciais da deidade. Toda a plenitude da divindade não significa apenas as características da deidade, mas a própria natureza de Deus (Cl.1:19; 2:3). A Palavra está afirmando que Jesus é cem por cento Deus; cem por cento divino. “Toda” não admite falta. Aliás, a palavra plenitude significa “qualidade ou estado de pleno; cheio, repleto, completo, absoluto ou perfeito” (VINE, 2016). Corporalmente significa “em carne humana”, “realmente”; não tipicamente ou figurativamente, mas substancialmente ou pessoalmente, pela mais rigorosa união. No Filho estão os atributos da deidade. A deidade realmente mora inteiramente em Cristo. O verdadeiro conhecimento é Cristo, não há revelação mais completa nem mais inclusiva de Deus que Cristo. Mais uma vez a Trindade é comprovada pela totalidade da divindade em Cristo, sem fragmentação da mesma, ou seja, possuindo todos os elementos da deidade.

A Bíblia Sagrada declara textualmente que Cristo é o verdadeiro Deus: “E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (I Jo.5:20).

A Escritura diz que só existe um Deus verdadeiro (Jo.17:3). Entretanto, este versículo afirma que Jesus é o “verdadeiro Deus e a vida eterna”. Igualmente, a Segunda Epístola de São Pedro declara a mesma verdade: “Simão Pedro, servo e

apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa, pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (I Pd.1:2). Estes versículos expressam claramente a deidade absoluta de Jesus Cristo e não a deidade em sentido secundário ou derivado. Embora sendo pessoas distintas, possuem substantiva igualdade.

Considerações Finais

Vimos que na Divindade existe uma pluralidade, que Jesus é Deus, coexistente desde a eternidade com o Pai, juntamente com a terceira pessoa da Divindade, Deus Espírito Santo. Mesmo que não apareça na Bíblia a palavra “Trindade”, mas o conteúdo aparece de modo incontestável (Mateus 28:19; João 14:16).

Assim, as Escrituras revelam claramente a existência de um único Deus que deve ser amado, honrado, glorificado e cultuado por nós, sendo que o culto genuíno e bíblico deve ser somente ao Deus trino, baseado na obra redentora do Filho que torna pecadores aceitáveis ao Pai por intermédio do Espírito Santo, que glorifica a Cristo e nos guia à toda verdade. Somente assim poderemos prestar um culto em Espírito e em verdade ao único Deus, que é digno de toda honra, toda glória e todo louvor.

Diante de tais verdades acerca do Deus revelado a nós pela sua Trindade Divina, resta-nos somente reverenciá-Lo, pela maneira tão especial que Ele se tem revelado a nós, revelação esta manifesta pelo seu amor. Temos um Deus com três personalidades distintas, mas que participam juntos da maravilhosa obra de Redenção do homem. Existem três modos de subsistência, porém a substância é una e indivisível.

Concluimos, ao longo deste artigo, que a doutrina da Santíssima Trindade está revelada em toda a Bíblia, em uma unidade orgânica, plural, composta e conjuntural, sem contudo haver fragmentação do ser ou da essência, existindo em “triunidade”, ou seja, Trindade em unidade e unidade em Trindade. “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo, seja com vós todos! Amém” (II Coríntios 13:13).

Referências

ARCHER, G. **Enciclopédia de Temas Bíblicos**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2001.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1949.

BOYER, O. S. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1994.

BURTNER, R. W.; CHILES, R. E. **Coletânea da Teologia de João Wesley**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1995.

CHEUNG, V. **Reformation Ministries International**. Boston: PO Box, 2003.

ELWEL, Walter A. **Enciclopédia histórico e teológica da Igreja Cristã**. Vol. II. São Paulo: Editora Vida Nova, 1990.

FERREIRA, Franklin. **De Trinitate: Agostinho de Hipona e a doutrina da Trindade**. Monografia (História da Igreja e do Pensamento Cristão). São Paulo, 2014.

FINNEY, Charles. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

GILBERTO, A. **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

MENZIES, W. W.; HORTON, S. M. **Doutrinas Bíblicas: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1996.

MOUNCE, R. H. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1991.

O'DONOVAN JÚNIOR, W. **O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999.

ROSENTHAL, S. **A Tri-idade de Deus no Velho Testamento**. São Paulo: Editora Fiel, 2013.

VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR., W. **Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2016.

WARFIELD, B. B. **A Doutrina Bíblica da Trindade**. 2016. Disponível em: <http://www.monergismo.com>.

WILEY, H. O.; CULBERTSON, P. T. **Introdução à Teologia Cristã**. São Paulo: Casa Nazarena de Publicações, 1990.

Recebido em: 09.11.2022.

Aprovado em: 30.11.2022.